



ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS

27

O BAIRRO DE JAGUARIBE NA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES IDOSOS DURANTE A DITADURA MILITAR

Ms. Juliana Barros de Oliveira¹

Resumo: O objetivo do trabalho é analisar as memórias dos moradores idosos do bairro de Jaguaribe durante o período da Ditadura Militar. Jaguaribe configurava-se como espaço que comportava estudantes universitários e secundaristas, sendo alguns deles moradores ou frequentadores da chamada residência universitária, localizada no bairro à época. Jaguaribe fica próximo do Centro, onde existiam faculdades que hoje formam o *campus* I da Universidade Federal da Paraíba, a exemplo da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI. Ademais, no bairro existia ainda a Faculdade de Medicina. Logo, Jaguaribe apresenta-se na memória de alguns dos seus moradores idosos como um lugar de resistência e efervescência política e cultural que merece ser estudado através da perspectiva dos relatos daqueles que vivenciaram o período.

Palavras-chave: Bairro de Jaguaribe. Ditadura Militar. Memória.

O trabalho de pesquisa é inerente ao trabalho do professor: sem a pesquisa não há fomento para a aula, assim como também, por vezes, a aula torna-se a grande incentivadora para o início de uma pesquisa sobre um determinado assunto. Nesse sentido, a pesquisa faz parte da atividade de ensino, ao que Chizzotti (2006) se refere como sendo o ensino com pesquisa, retirando a pecha de que a pesquisa estaria dissociada deste e reservada apenas à atividade intelectual apartada do ensino, visto que,

O ensino é uma atividade voltada para a formação de um conhecimento que auxilie a descobrir o mundo em que vivemos, incorporando as experiências de vida e o saber já acumulado pela história humana, e ajudando a resolver os problemas atuais que a vida apresenta. Para isso, é preciso considerar que a pesquisa é uma atividade da vida cotidiana que se sistematiza e amplia o

¹ Mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba-UEPB (2012). Professora efetiva da disciplina de História no ensino fundamental e médio lotada na Secretaria de Estado da Educação-SEE-PB. Professora da Faculdade Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão – FABEX (graduação) e Centro de Ensino Superior, Desenvolvimento e Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão – CBPEX (pós-graduação).

conhecimento, mas que também pode desenvolver muito o ensino, e, finalmente, é necessário considerar que o ensino precisa apoiar-se na pesquisa (CHIZZOTTI, 2006, p.103).

A pesquisa, portanto, é uma busca sistematizada inerente a atividade do ensino, que deve nela apoiar-se e dela beneficiar-se. Apesar das dificuldades de se conciliar o ensino com a pesquisa, por vezes, o próprio professor precisa abrir caminhos para que esta troca, esta complementariedade benéfica aconteça.

Todavia, há de se reconhecer que, em meio às atividades do trabalho docente, sobra-nos menos tempo do que necessitaríamos ou gostaríamos, via de regra, para pesquisar não apenas a respeito daquilo que esteja intrinsecamente relacionado a uma aula, por exemplo, mas sim no que se refere àquilo que nos completa e confere sentido a nossa dupla prática na condição de professor/pesquisador: o objeto de estudo o qual escolhemos.

Em linhas gerais, este trabalho que hora apresentamos parte dessa inquietação: anos depois de termos defendido o resultado de nossa pesquisa de mestrado, intitulada “O Bairro de Jaguaribe na memória de seus moradores idosos”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da UFPB, procuramos retomar aquele que foi nosso objeto de estudo durante dois anos do referido curso: a memória dos moradores idosos acerca do bairro de Jaguaribe, localizado na região central da capital paraibana.

Jaguaribe, um bairro representado como sendo um dos mais “tradicionalistas” da cidade de João Pessoa, uma das primeiras ocupações urbanas para além da região do Centro, lugar de festas de rua, de convivência, de trabalho, enfim, lugar a que os idosos entrevistados para a nossa dissertação, oito no total, se referem na condição de *locus* privilegiado do cotidiano, da memória e da história de vida de cada um. Dentre os oito, quatro não residiam mais em Jaguaribe, porém consideravam-se, em suas reminiscências, “eternos moradores” do bairro que, nas suas palavras, era impossível de ser esquecido.

Assim, o XVI Encontro Estadual de História tornou-se a oportunidade por nós esperada para retomar a nossa pesquisa acadêmica em meio a elementos tão comuns do trabalho docente, mas que, por vezes, nos impedem de nos redirecionar para atividades que estão além do espaço e do dia a dia da sala de aula: notas, elaboração de exercícios, registros de faltas e presenças, cadernetas, registros de aulas, orientações, correções etc.

O interesse quase que imediato pelo simpósio temático de número 12, intitulado “História Local e Memórias: pesquisando em escala e ensinando conexões” justificou-se pelo objetivo que o mesmo preconizava de reunir professores e pesquisadores interessados em refletir acerca do local e da memória, assuntos que, por sua vez, estavam diretamente relacionados à nossa pesquisa desde a época da pós-graduação.

No entanto, uma inquietação ainda nos restava: por onde recomeçar? Por onde refazer o nosso percurso de pesquisa? Por onde retomar um caminho que foi “esquecido” há dois anos? Tal indagação conseguiu ser respondida a partir de uma espécie de “autodesafio”: e se tentássemos relacionar o tema da pesquisa ora apresentada com o tema do simpósio temático e do próprio evento em si, partindo numa

escala do mais restrito para o mais amplo, ensinando e tecendo conexões – como o próprio simpósio temático nos convidava a fazer, em nossa escrita?

Desse modo, a pesquisa que apresentamos surgiu, dois anos depois de nos encontramos na condição de estudante egressa do Programa de Pós-Graduação em História da UFPB, buscando retomá-la e relacioná-la à temática do simpósio e ao tema do evento. Quanto ao último elemento, o tema principal do evento, ou seja, “Poder, memória e resistência: os 50 anos do golpe”, seria este o aspecto responsável pela renovação de nossa escrita, visto que este tema não foi, especificamente, abordado no trabalho anterior do mestrado e que, por sua vez, deu origem à pesquisa de então.

Para tanto, investigações e leituras foram realizadas no sentido de nos familiarizar com o período da ditadura militar, a exemplo de Reis (2005), Lemos (2008), Skdimore (2007) e Spindel (1985), além de diversas outras leituras “esporádicas” em matérias de jornais, revistas e da imprensa televisiva acerca dos 50 anos do golpe. Com tantas produções acerca do tema, confessamos que constituiu tarefa árdua selecionarmos aquelas que somariam ao nosso cabedal de conhecimentos acerca do assunto. É inegável que as produções a este respeito, bem como o resultado dos trabalhos de pesquisa realizados pelas diversas equipes das Comissões Nacionais e Regionais da Verdade, contribuíram bastante para alcançarmos tal intento.

Mas, por que estudar o Jaguaribe na ditadura militar expresso, reconstituído e reconstruído a partir e através da memória de seus moradores idosos? Não é forçoso lembrar que o bairro de Jaguaribe configurava-se como espaço que comportava estudantes universitários e secundaristas, sendo alguns deles moradores ou frequentadores da chamada residência universitária, localizada neste lugar época, mais precisamente na Avenida João da Mata, no casarão conhecido como “casa rosada”, atualmente ocupada pelo corpo administrativo do Instituto Federal de Educação da Paraíba – IFPB.

Além disso, o bairro de Jaguaribe fica próximo ao Centro da cidade, local onde existiam faculdades de cursos que hoje formam o atual *campus* I da Universidade Federal da Paraíba, a exemplo da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – FAFI. Ademais, no bairro, localizava-se ainda a Faculdade de Medicina e, assim sendo, Jaguaribe apresenta-se na memória de alguns dos seus moradores idosos como um lugar de resistência e efervescência política e cultural que merece ser estudado através da perspectiva dos relatos daqueles que vivenciaram o período da ditadura militar.

Dos entrevistados da pesquisa original – a da dissertação de mestrado – convidamos dois para retomarmos as entrevistas, agora da perspectiva de especificar o tema a ser pesquisado que sofreu, por sua vez, uma modificação relevante: se antes buscávamos apresentar Jaguaribe como um espaço construído e reconstruído pelos seus moradores, sendo constantemente interpretado na memória deles, trabalhando com as múltiplas temporalidades, sem definir assuntos ou recortes temporais específicos, agora incentivaríamos a verbalização de suas lembranças relacionadas diretamente ao período específico da ditadura militar (1964-1985).

Os dois idosos em questão foram escolhidos para compor este trabalho de pesquisa por duas razões: primeiro por que no trabalho da dissertação de mestrado fizeram menções diretas, mais de uma vez, ao período da ditadura no bairro de

Jaguaribe em seus relatos. De forma secundária a isso, é importante ressaltar que ambos eram jovens e que, de alguma forma, participaram ou presenciaram momentos importantes no bairro referente ao período estudado.

O primeiro idoso a aceitar que retomássemos as entrevistas na perspectiva de afiná-las, especificamente, para o período da ditadura militar foi Martinho Leal Campos, economista, atual presidente do Conselho Regional de Economia – seção Paraíba. Na época do golpe, o entrevistado era estudante de Economia da Universidade Federal da Paraíba-UFPA e defendia, por conta de sua atuação como participante de uma cédula de inspiração trotskista no bairro de Jaguaribe, um projeto político diferente para o desenvolvimento do Brasil quando, no ano de 1964, irrompe a ditadura militar e, para não ser preso, Martinho decide fugir, literalmente, de Jaguaribe, a contragosto da opinião de outros seus colegas de movimento que acreditavam ser o golpe uma incursão passageira. Em sua entrevista cedida para compor o trabalho da dissertação de mestrado, nos relatou que

No bairro, eu fui morar na Rua Senador João Lyra, aliás, Avenida Senador João Lyra, que antes era chamada de Rua da Concórdia. E quando eu cheguei lá, isso eu não sei, isso me foi dito pelos meus pais, meus tios e tal, no ano que eu fui pra lá era Rua da Concórdia, mas logo a seguir mudaram o nome para Avenida Senador João Lyra, até hoje eu não sei direito quem é que foi esse cara, que senador foi esse. Uma coisa interessante, eu deveria procurar saber. Eu vou fazer isso... E a rua, é uma rua que... Como é uma grande avenida, ela começa na Rua das Trincheiras e vai terminar na Bento da Gama, acho, não tenho bem certeza, mas é ali no PAM, onde hoje é o PAM - Posto de Atendimento Médico de Jaguaribe. E eu fiquei nessa rua até 1964, porque em 64 eu tive que fugir, perseguido pela ditadura, e só voltei em 1975, mas não fui morar lá. Fiquei algum tempo lá [em Jaguaribe], mas não voltei a morar. No entanto, fiquei algum tempo. Minha mãe e meu pai moravam ainda na mesma casa do bairro e eu pude cotejar as diferenças, não é, que se desenvolveram a partir de 1964 até aquela data de minha volta (Martinho Leal Campos em entrevista concedida no ano de 2011).

A segunda entrevistada foi Maria José Azevedo, que prefere ser chamada por todos de Zezita. Atualmente ela é funcionária pública lotada no Centro Administrativo Estadual. Zezita residiu em dois diferentes locais de Jaguaribe: Rua Benjamim Constant, próximo à Avenida Conceição, e Avenida Coelho Lisboa. Ela atualmente não mais reside em Jaguaribe, mas sim no bairro de Miramar. Apesar de ser economista de formação, iniciou seus estudos acadêmicos na área de Engenharia, quando a referida faculdade ainda localizava-se no Centro da capital paraibana, mais precisamente no atual prédio da atual Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão – FUNAPE, localizado nas proximidades da Avenida Visconde de Pelotas, mais precisamente na Praça Rio Branco. A respeito desse período de sua vida, a entrevistada nos relatou que

Nós estávamos falando ontem, Jaguaribe era tão... A escola de Engenharia, que eu fiz três anos de Engenharia, eu ia com o meu colega que estudava comigo e a gente juntava os dinheiros pra ir pro

Cassino da Lagoa², a gente sempre vinha a pé de lá, sempre! Eu ia pro Liceu e voltava a pé. (Maria José Azevedo- Zezita, em entrevista concedida no ano de 2011)

Conforme o relato de Zezita nos aponta, alguns filhos dos moradores de Jaguaribe já frequentavam as cadeiras de educação superior, a exemplo dos cursos de Direito, Economia, Filosofia, Engenharia e Medicina. Esta última faculdade, aliás, localizava-se nas dependências do bairro, mais precisamente na Avenida Alberto de Brito,

(...) onde está atualmente o PAM de Jaguaribe, incluindo aí o Hospital Infantil Arlinda Marques. Na década de 50 naquela quadra existiu o Hospital Clementino Fraga, para tuberculosos e, lá dentro, num canto isolado, uma unidade para doenças infectocontagiosas. Ainda está de pé uma capela onde as freiras faziam as suas orações e ouviam missas nos dias santos, feriados e domingos. Na década seguinte (anos 60), com a transferência do Hospital Clementino Fraga para outras instalações mais modernas, toda a área foi ocupada pela Faculdade de Medicina da UFPB. A faculdade possuía vários serviços médicos que atendiam ao povo. Havia um departamento de clínica infantil sob a orientação do Dr. João Medeiros onde médicos-professores e alunos trabalhavam. Os locais de tratamento de doenças infectocontagiosas, e o Hospital Infantil, ali permaneceram durante o tempo em que a Faculdade de Medicina funcionou. Na área interna, onde está o setor de traumatologia e ortopedia do PAM, em 1965 foi instalada a Gráfica Universitária. Em frente, onde há um pé de jambo, tem um pequeno prédio, isolado. Ali funcionava o Diretório Acadêmico Estudantil. (RIBEIRO, 2012, p.222-223).

No que se refere à faculdade de medicina, mais especificamente a uma estudante desta referida faculdade, de nome Lívia, a entrevistada Zezita tece um relato a respeito dela como sendo uma das estudantes universitárias da época que moravam em Jaguaribe e sofreram perseguição por fazerem resistência à ditadura militar.

Tinha outra pessoa, e essa eu lembro todos os dias que ela passava, era uma menina que fazia medicina, Lívia, que ela morava na Aderbal Piragibe. E ela ia pra faculdade de medicina que hoje é o PAM. Lá era a faculdade de medicina e o laboratório de farmácia. E ela passava. De repente, a moça sumiu e nós sabíamos que ela... Ninguém sabia do destino dela, se foi torturada, ninguém, ninguém... Então, finalmente, a gente não sabia, sabia que ela tinha morrido. Mais recentemente, com informações em São Paulo, eu tive notícias que ela esteve, assim, muito à beira da morte, foi socorrida depois de todos os traumas, assim, de todas as coisas vividas, e hoje ela vive, mora em São Paulo.

² Conhecido restaurante que se localiza na parte central de João Pessoa, mais precisamente no Parque Sólton de Lucena, popularmente conhecido como Lagoa e que era o antigo Clube dos Estudantes Universitários – CEU da Universidade Federal da Paraíba. No local eram servidas refeições aos estudantes, por isso alguns ainda se referem atualmente ao Cassino da Lagoa sob a alcunha de antigo restaurante universitário da UFPB. Era, sobretudo, um espaço de sociabilidade e trocas de ideia para os estudantes das faculdades que viriam a compor o campus I da UFPB e, entre um intervalo de aula e outro, entre uma festa e outra, também realizadas lá, os estudantes poderiam se sentir, literalmente, “no céu”, fazendo uma apologia à sigla do clube.

É Lívia, das figuras, assim, que vão até mais ou menos 68 (Maria José Azevedo – Zezita, em entrevista concedida em julho de 2014).

No depoimento de Zezita a respeito da jovem estudante de medicina pode-se perceber a dificuldade encontrada para aqueles que faziam oposição ao regime, mesmo que fosse durante o início da sua implantação. Conforme reitera a entrevistada, a garota da qual ela fala parece ser conhecida no bairro: ela sabe onde a moça mora e o curso que faz. No entanto, por muito tempo, as pessoas ficam sem ter notícias dela, cogitando a sua morte. Somente anos depois se descobre que, apesar das torturas, ela sobreviveu e estaria vivendo em São Paulo.

De que maneira a moça conseguiu refugiar-se no Sudeste do Brasil e como se encontra atualmente são percepções que o depoimento não esclarece, porém o relato traz aspectos importantes acerca da resistência ao regime e, mais especificamente, no que tange a perseguição e prisão de estudantes universitários de Jaguaribe com esta finalidade, mesmo se fossem apenas suspeitos e não comprovadamente participantes de atividades consideradas, pela ordem vigente da época, sob a condição de subversivas.

As faculdades do período funcionavam de forma diferente do sistema de universidade, ou seja, não existia o sistema de unificação dos cursos em um mesmo espaço acadêmico. As faculdades estavam, em sua maior parte, localizadas no Centro da cidade, região geograficamente próxima ao bairro de Jaguaribe. Eram unidades isoladas, visto que o campus universitário da UFPB em João Pessoa é uma invenção pós-golpe militar. Suas configurações arquitetônicas e sua localização visavam cumprir uma determinação do então regime recém-instaurado: a de construir os centros universitários o mais longe possível do centro econômico da cidade.

Na região central de João Pessoa, antes do golpe, estavam instaladas as faculdades de Filosofia – FAFI, na Avenida Duarte da Silveira, mais precisamente no atual prédio da Escola Estadual Olivina Olívia. A faculdade de Engenharia, conforme exposto, ficava na Praça Rio Branco e a de Direito na Praça João Pessoa, próximo a atual sede do Tribunal de Justiça-TJ/PB. Durante anos este curso funcionou naquelas dependências, vindo as suas instalações serem incorporadas ao Campus I da UFPB apenas na primeira década dos anos 2000.

Ainda no Centro, porém muito mais próximas de Jaguaribe, ficavam as faculdades de Odontologia, Economia e Serviço Social. A primeira e a segunda localizavam-se na Avenida das Trincheiras e a terceira, na Avenida João Machado. Todas estavam incrustadas em importantes vias limítrofes da confluência entre o Centro da cidade e Jaguaribe.

Dessa forma, como se pode perceber, havia no entorno do bairro uma atmosfera acadêmica muito forte, de pessoas ligadas ao ensino universitário e às atividades sociais e culturais. Estudantes trocavam ideias, liam e reproduziam livros considerados proibidos para o período, a exemplo das obras de K. Marx, Rosa Luxemburgo e outros compêndios das áreas de Economia, Filosofia, Direito etc.

Foi dentro do bairro que um dos idosos entrevistados para este trabalho tomou conhecimento de algumas dessas obras e passou a discuti-las no grêmio do colégio Liceu Paraibano e, posteriormente, na condição de aluno ingressante no curso de

Economia da UFPB. Martinho Leal Campos retratou nos seus depoimentos sua experiência ao participar de uma espécie de cédula trotskista que se reunia no interior do bairro e que foi desfeita assim que o golpe foi deflagrado, em 1964.

(...) e aí Jaguaribe entra na história por que foi na minha casa que se organizou concretamente a documentação para a formação da Vanguarda Leninista. Essa vanguarda foi um movimento que surgiu no Recife, em Pernambuco, e naquele momento nós já estávamos em contato direto com aqueles companheiros de Pernambuco que eram companheiros ali vindos dos movimentos das Ligas Camponesas e, em determinado momento, no governo de JK, o Francisco Julião resolveu fazer um movimento de guerrilha no Brasil (...). E este pessoal que estava em Pernambuco e que esteve neste movimento rompeu com Julião e estava querendo formar um novo, uma nova organização. Daí surgiu a chamada Vanguarda Leninista. Esta organização era chamada assim porque nós estávamos, naquele momento, buscando as origens da revolução russa o que nós chamávamos e é verdade, né, o que era a legítima direção de esquerda da evolução russa. Nós estávamos voltados para quê, para os princípios de Lênin e achávamos já naquele momento, que Trotsky é quem tinha razão, embora não fôssemos trotskistas, porém já começávamos a entender isso. (Martinho Leal Campos, em entrevista concedida em julho de 2014).

Através do depoimento de Martinho, observa-se que havia uma troca, um intermédio de informações entre os núcleos de resistência à ordem vigente no período anterior à ditadura que passam, após a deflagração do golpe, a se constituir como núcleos de resistência ao último. Observamos este intercâmbio de informações quando os componentes de um núcleo pernambucano dissidente das Ligas Camponesas³ passam a querer estabelecer uma cédula também aqui na Paraíba. O local escolhido é, ao que parece, improvisado: a casa do depoente, visto já ser ele oriundo de outros movimentos ditos de esquerda à época, a exemplo do movimento estudantil secundarista de João Pessoa, mais especificamente do colégio Liceu Paraibano, onde o mesmo estudava.

Algo que é perceptível nas entrevistas de ambos os idosos é que os mesmos se reportam com veemência ao período da ditadura entre os anos 60 e 70, não se referindo, de forma direta e específica, ao ocaso do golpe na década de 80.

É importante ressaltar que, na década de 70, o cenário político da história do Brasil se apresenta, desde seu início, como um período de crises sucessivas que têm na renúncia de Jânio Quadros (1961), na instabilidade do governo João Goulart e principalmente na eclosão do golpe militar (1964) as principais origens das turbulências observadas no âmbito social e político da época, com repercussões tanto do ponto de vista econômico, a exemplo do chamado Milagre Brasileiro, como também no que tange ao recrudescimento ainda maior em relação ao estado democrático de direito, processo que se acentua com a deflagração do Ato Institucional número 5, em 1968, e

³ Para informações mais apuradas acerca do surgimento, atuação e desmembramento das Ligas Camponesas, recomendamos a leitura de LEMOS, Francisco de Assis. **Nordeste, o Vietnã que não houve:** ligas camponesas e o golpe de 64. 2.ed. João Pessoa: Edições Linhas d'água, 2008.

consolida-se com o aparato repressivo utilizado durante o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974).

Atribuímos, portanto, a concentração dos relatos de memória dos idosos entrevistados nesse período devido à sua maior participação e observação da vida política da época compreendida durante esses anos, além de que há um componente pessoal explícito ao se reportarem acerca disso: o aspecto afetivo. Escolheram eles relatar aquilo que não lhes estava mais próximo temporalmente, mas sim, sentimentalmente. As lembranças do recôndito da memória estão, portanto, imbricadas ao sentimento, conforme ressalta Bosi (2003), traçando uma espécie de mapa afetivo espaço-temporal para quem recorda e para quem ouve o relato. Desse modo,

Se a memória é não passividade, mas forma organizadora, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo da sua experiência e da experiência do seu grupo (...) (BOSI, 2003,p.56).

Embora este seja um trabalho de reinício, retomada e renovação de uma pesquisa, acreditamos que este “pontapé inicial” visa nos auxiliar para a volta ao percurso de investigação histórica que tem nos relatos de memória dos idosos do bairro de Jaguaribe acerca do período da ditadura militar o nosso novo objeto de estudo e foco de abrangência.

Muito ainda se tem a perscrutar dos depoimentos levantados em caráter inicial, mas também, utilizando os próprios depoimentos como uma espécie de “bússola” a nos guiar pelo “caminho de volta” à pesquisa acadêmica, pode-se chegar a nomes de pessoas que participaram ativamente da resistência ao golpe e que foram ou são moradores do bairro a partir das citações de Martinho e Zezita durante os depoimentos, o que nos incentiva a procurar coletar novas entrevistas e contribuir para os estudos acerca do período da ditadura na Paraíba, em João Pessoa e, mais especificamente, no próprio bairro de Jaguaribe, traçando conexões entre a memória e a história, em âmbito local.

REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. Metodologia do Ensino Superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, Sérgio; CASTANHO, Maria Eugênia (orgs.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. 4.ed. Campinas – SP: Editora Papyrus, 2006.

LEMOS, Francisco de Assis. **Nordeste, o Vietnã que não houve**: ligas camponesas e o golpe de 64. 2.ed. João Pessoa: Edições Linhas d’água, 2008.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **O Bairro de Jaguaribe na memória dos seus moradores idosos**. João Pessoa, 2012. 258p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História–PPGH, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012.

RIBEIRO, Emilson Ponce de Leon. **Retratos de Jaguaribe: um passeio histórico**. 2.ed. João Pessoa: Mídia Gráfica Editora, 2012.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo**. 14.ed. São Paulo: Editora paz e Terra, 2007.

SPINDEL, Arnaldo. **O que são ditaduras?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.